

O tempo e suas vicissitudes

Luiz Alberto Oliveira¹

RESUMO: Um exame rápido dos conceitos que fundamentam a concepção de mundo vigente na atualidade indica que há uma Imagem do Tempo com características bem definidas operando globalmente, tendo como núcleo essencial a figura da mobilidade do Presente. Todavia, para as Ciências contemporâneas essa Imagem não é “objetiva”, pois não corresponde a nenhum atributo fundamental da realidade natural. Esse interessante paradoxo permite compreender essa Imagem como um sofisticado artefato cultural que, em geral de modo inconsciente, projetamos sobre os acontecimentos para coordená-los e lhes conferir sentido. No presente artigo, buscamos explorar algumas das possibilidades conceituais, éticas e políticas associadas a outras modalidades, diversas, de temporalidade, que esse paradoxo nos permite vislumbrar.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; ciências; subjetividade; capitalismo; mutação.

A comunidade dos filósofos e historiadores da Ciência costuma ser o palco de polêmicas turbulentas e divergências agudas, mas talvez nenhum de seus praticantes se opusesse à afirmação de que o campo problemático determinado pelo conceito de Tempo e suas categorias associadas é dos mais profundos e complexos de toda a história do pensamento. Linhagens augustas de pensadores, de Heráclito a Whitehead, afirmam a essencialidade do Tempo na definição do que é Existir; estirpes igualmente nobres, de Parmênides a Einstein, negam-lhe qualquer caráter fundamental. Nosso modesto objetivo

1. Físico, doutor em Cosmologia, foi pesquisador do Grupo de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF/MCTI), onde também atuou como professor de História e Filosofia da Ciência. Pesquisador associado do Programa Idea da Escola de Comunicação da UFRJ, foi o primeiro Curador Geral do Museu do Amanhã do Rio de Janeiro. Atualmente é pesquisador, palestrante e consultor de diversas instituições brasileiras e internacionais.

aqui será o de procurar explorar um particular aspecto dentre essas vastas controvérsias: o de que, na civilização contemporânea, vigora uma Imagem do Tempo bem definida e sumamente eficaz, um dos eixos capitais de nossas concepções e práticas do que seja a realidade – embora um outro operador decisivo da cultura moderna, as Ciências, não confira qualquer objetividade a essa mesma Imagem. Se habitamos o Tempo, o que seria então o chão dessa nossa moradia – um abismo?!

Nossa exploração deve se iniciar pela demarcação clara dos termos do problema. Os estudiosos dos mitos costumam chamar de “Imagens de Mundo” certas constelações de ideias pelas quais as diferentes sociedades humanas baseiam, tanto coletiva quanto individualmente, a experiência de viver. Historicamente, essas Imagens foram geradas quer pelas tradições étnicas, locais, de cada povo, quer pelas grandes tradições religiosas. No Ocidente, primeiramente, desde os últimos três séculos, e em seguida em todo o globo, estabeleceu-se uma noção de Tempo específica e bem definida, que passamos a empregar quotidianamente – e, em geral, inconscientemente – para organizar de modo generalizado nossas práticas e mentalidades. Com efeito, a vastíssima maioria dos humanos acatamos, e exercemos, a Imagem de que o Tempo é como uma espécie de estrada sobre a qual se desloca, sempre em ritmo uniforme, uma nave, ou veículo, chamado “agora” ou “presente”. Esse veículo se move sempre de modo uniforme, orientado na mesma direção: não acelera nem freia, e em especial não para e retorna. E o que chamamos de Real, ou seja, o conjunto dos fatos, de tudo o que acontece, viaja embarcado nessa nave. Eis, de modo resumido, a figura do “Presente Móvel”; e dizemos, como o poeta nos diz, que “o tempo não para”, ou seja, o tempo passa, pois com facilidade concebemos a associação dos acontecimentos a diferentes marcos ou ocasiões, assinaladas ao longo dessa estrada. Os marcos que a nave do Presente já ultrapassou, chamamos de Passado; os locais que a nave não alcançou ainda, chamamos de Futuro. Um aspecto particularmente significativo desta Imagem é o de que o tempo já está consolidado, ou seja, a estrada *já está lá*, já está dada. Tudo que fazemos é percorrê-la, embarcados na nave perpetuamente deslizante do presente, recuperando pela memória os marcos já vencidos, antecipando pela imaginação os marcos ainda por vir.¹

Esta concepção do Tempo centrada na figura do Presente Móvel – ou, como chamaremos, “Imagem Cronal” – está hoje tão próxima de nós que adquiriu a invisibilidade das coisas demasiado íntimas. De modo comparável ao de uma ideologia, tomamos essa concepção como se fosse espon-

taneamente dada na natureza; como se, desde sempre, o Tempo tivesse essa única modalidade. Assim, não nos damos conta do caráter verdadeiramente assombroso de que ela de fato se reveste. Por exemplo, de um ponto de vista vivencial, o momento presente tem como limiar um piscar de olhos: uma piscadela e o presente já passou. Do ponto de vista conceitual, porém, Descartes fez o presente corresponder, em última instância, a um instante, isto é, a um ponto infinitesimal de tempo, uma *unidade de tempo de extensão nula*. A estrada do tempo se converte na figura ainda mais abstrata de uma linha, e o marcador do agora viajaria sobre essa linha, passando de instante a instante, de ponto a ponto. Mas isso significa que, no limite, todo o Real habita um infinitésimo de tempo de cada vez; ou seja, todos os corpos, quem sabe inumeráveis, que se distribuem por todo o espaço, quem sabe infinito, *cabem em um ponto*. Esta é sem dúvida uma noção espantosa! Estamos tão familiarizados com ela, contudo, tão acostumados a irrefletidamente exercê-la, que a tratamos como perfeitamente natural.²

Não podemos abordar em detalhe, aqui, o fascinante percurso de constituição dessa sofisticada concepção; basta que observemos o papel crucial que uma invenção decisiva – o relógio mecânico – teve em seu desenvolvimento. Este artefato extraordinário permitiu fracionar o fluir contínuo dos acontecimentos em uma sequência de etapas, de modo análogo à segmentação de uma linha em comprimentos menores. Ou seja, o relógio mecânico converteu a antiquíssima noção do Tempo como um fluxo em uma *sucessão* de períodos discretos. O resultado prático dessa transformação prodigiosa foi tornar o Tempo semelhante ao Espaço: o ciclo do dia e da noite, que era determinado pelo nascer e pôr do Sol, ganha um comprimento definido – o de 24 horas idênticas. Doravante, serão os crepúsculos matutino e vespertino que ocorrerão em diferentes horários; como assinala Daniel Boorstin³, a Humanidade então se liberta do Sol. E a atividade humana ganha uma *medida* – quantas horas (fixas) se trabalhou para se produzir um dado bem. Mais que a bússola, que reorganiza o Espaço; que a pólvora, que reorganiza o Movimento; e que o livro, que reorganiza a Memória, pode-se dizer que o relógio mecânico foi o principal facilitador técnico para a instauração do Capitalismo.

No entanto, mesmo num exame ligeiro, verificaremos que tanto para a Antiguidade, quanto para as culturas ditas “primitivas”, essa Imagem Cronal de nenhum modo foi prevalente. Por exemplo, os índios Navajo norte-americanos denominam de “agora” ou “presente” o período que transcorre entre dois ciclos da Lua, correspondente a 28 dias. Tudo o que suceder durante uma luação será

para eles, de certo modo, simultâneo ou, mais precisamente, contemporâneo. Desnecessário ressaltar que esta noção de um presente “extenso” difere por completo da ideia de uma unidade temporal básica colapsada em um infinitésimo. Ou seja, um breve percurso pelo repertório das diversas culturas humanas basta para se comprovar que a Imagem Cronal de maneira alguma é “natural”. Concluiremos, pelo contrário, que ela é de fato uma construção histórica, um dispositivo cultural extremamente sofisticado que emergiu num contexto específico.

Esta consideração abre caminho para duas consequências importantes para nossa exploração: em primeiro lugar, para as Ciências contemporâneas, a Imagem Cronal, ainda que funcional, não é “objetiva”, não corresponde a nenhum atributo fundamental da realidade natural. Isto é, não encontramos e recolhemos a Cronalidade desde o plano dos fenômenos; na qualidade de um artefato historicamente produzido, nós a *aplicamos* operacionalmente ao mundo, que assim passa a ser concebido e experimentado segundo os quadros e parâmetros resultantes desta operação.

E, em segundo lugar, as Ciências contemporâneas exibem *diversas* noções ou operadores denotados pelo *mesmo* termo “tempo” – indicando, paradoxalmente, uma *incompletude* em nossa apreensão costumeira desse(s) conceito(s) tão básico(s). Há, de fato, uma série de outros tipos não-cronais de temporalidade que as Ciências contemporâneas entendem ocorrer “objetivamente”, sendo encontrados numa variedade de sistemas naturais. Estas temporalidades não-cronais compartilham certas características com a Imagem predominante, mas não todas; e são postas em cena por explorações de diferentes domínios de saber – Biologia, Ecologia, Química, Física, Cosmologia. Em resumo, a Imagem do tempo que praticamos, objetiva e subjetivamente, que vivenciamos de modo tão íntimo e profundo, *não é natural*. Tem o estatuto de um aparelho de regulação, com o qual implementamos nossas existências, mas não é um fenômeno do mundo; não é da ordem dos granitos, e sim das locomotivas. Em consequência, para as Ciências contemporâneas, o termo “Tempo” adquire uma espécie de equivocidade, pois passa a designar diversas noções distintas de temporalidade, cada qual associada a um dado domínio do mundo natural.⁴

Um breve inventário das características da Cronalidade certamente envolveria a noção de três dimensões: Passado, Presente e Futuro; em particular, o Presente é móvel, o Passado é composto de presentes antigos, e o Futuro de presentes inéditos. O movimento do Presente é sempre uniforme, não acelera, ou desacelera, ou se inverte; assim, é orientado, ou direcional. Toda a realidade cabe inteira de uma vez em cada momento ou, o que dá no mesmo, esse tempo

é tanto único quanto universal. Tudo o que acontece, acontece sempre com referência a um mesmo tempo; não há diferentes linhas temporais de referência. Admitamos que essas categorias são válidas e necessárias para a definição da Cronalidade. Para principiar um exame sumário das várias noções de tempos acronais, façamos então o exercício de progressivamente retirar esses atributos e verificar se as figuras de temporalidade assim obtidas podem ser encontradas em algum domínio do mundo natural.

Consideremos um exemplo concreto: os organismos vivos. Evidentemente, a Vida é uma noção extremamente complexa, pois diferentes aspectos do problema do Tempo estarão necessariamente envolvidos – para começar, pelo fato de que a Vida pode ser entendida como um tipo de sistema material organizado que realiza o prodígio de colocar em contato as durações microscópicas, os períodos de frações de segundo dos processos químicos e bioquímicos que ocorrem em escala molecular no interior das células vivas, com as vastas durações das transformações ambientais, os milhares de anos dos ciclos do clima, os milhões de anos das transformações geológicas, as centenas de milhões de anos das transformações astrofísicas. Tanto do ponto de vista da composição básica (os compostos orgânicos e, em última instância, os elementos da tabela periódica) quanto da regra de transformação (a evolução por seleção natural), a Vida só pode ser compreendida a partir da conjunção que genes, organismos, espécies e ecossistemas realizam entre essas durações de escala muito diferente. Todavia, para o que nos importa aqui, vamos nos concentrar na unidade estrutural e funcional básica dos seres vivos: a célula.

Toda célula viva exhibe uma invenção decisiva: a membrana. Trata-se de um envoltório, feito de gordura insolúvel, que separa uma porção de fluido rico em moléculas orgânicas – antigamente chamado de “protoplasma” – do restante do ambiente. Todas as membranas são similares, mas as células de diferentes organismos encerram variados componentes, ordenados numa arquitetura diversa de acordo com a espécie. Uma vez que a membrana é a separação física entre o organismo e o meio, tendemos a encará-la como um operador espacial ou, antes, topológico, que permite a dissociação entre as matérias que se encontram *dentro* do vivo e *fora* dele. Ora, dentro do vivo se acha um manual de instruções, escrito na linguagem bioquímica do DNA, onde estão codificados os procedimentos para a construção dos equipamentos requeridos para a reimpressão deste manual. Isto é, um sistema cuja atuação dobra-se sobre ele mesmo; um *loop* lógico em que um conjunto de instruções é empregado para instaurar e regular um processo de fabricação, cujo objetivo

é a repetição do conjunto de instruções. Esse manual de instruções chama-se *genoma*, e a reprodução do organismo, do ponto de vista do genoma, não é senão a montagem do parque gráfico destinado a reimprimir um novo volume, uma nova cópia do texto bioquímico que especifica a constituição de cada exemplar de cada espécie.

Afortunadamente, o pergaminho bioquímico em que os genomas são escritos é frágil. Ou seja, as ligações químicas entre as “letras” do texto em DNA são fáceis de fazer e de desfazer, sendo ambas as operações indispensáveis durante o processo de reprodução. Isto quer dizer que é fácil sucederem *erros* quando das sucessivas reimpressões – uma linha trocada, uma palavra faltando, uma página repetida... Graças à fragilidade do suporte desoxirribonucleico da escritura, surgem novas versões, modificadas, do manual; se a alteração não for drástica a ponto de impedir o processo de replicação, daí em diante haverá duas edições *diferentes* do texto em circulação. Entendemos então que a Vida é capaz não só de repetir formas antigas, mas também de engendrar novas; trata-se, de fato, de um sistema autonomizado de diferenciação que multiplica aceleradamente o número e a variedade dos modos de organização dos sistemas físicos de base.⁵

O que é decisivo para nossa discussão, porém, é o entendimento de que a membrana *separa*, mas também *une*. Se a membrana fosse intransponível, o ser vivo inevitavelmente degeneraria, pois se envenenaria de desordem, de acordo com o Segundo Princípio da Termodinâmica (“qualquer sistema material fechado tende à homogeneidade, isto é, à desorganização”). É a transparência, ainda que seletiva, da membrana que permite que fluxos de matérias e atividade oriundos do meio exterior continuamente adentrem o organismo, participem dos ciclos energéticos que realizam o metabolismo da célula, e eventualmente sejam devolvidos ao exterior, sempre mantendo, enquanto isto for possível, uma unidade global que identificamos ao próprio organismo. Como se houvesse um edifício, uma catedral, digamos, e periodicamente todos os seus tijolos fossem trocados, e ainda assim, e sempre, ela continuaria uma catedral – com a diferença de que uma célula típica tem o mesmo número de componentes de um jato transcontinental de grande porte, condensados em umas poucas frações de milímetro, onde ocorrem descargas elétricas proporcionalmente mais intensas que as de uma tempestade, e ondas de choque supersônicas! Mal podemos discernir o prodigioso concerto dos processos de substituição contínua de componentes moleculares que não obstante mantém, razoavelmente inalterada, a integridade do conjunto.⁶

Eis então uma célula viva, demarcada por sua membrana, dentro dela está o núcleo, onde habita o genoma. Assim, no interior do ser vivo reside seu passado; ali se encontram os princípios, os planos e organogramas, que dirigirão o processo de reelaboração deste indivíduo quando se reproduzir. Dentro do vivo, o Passado. Fora do vivo, no exterior da membrana, se distribuem elementos com que o vivo ainda irá se encontrar; em alguns casos serão nutrientes, que ele assimilará e que vão mantê-lo, em outros casos, serão venenos, que em última instância acabarão por decompô-lo, isto é, por desfazer a unidade coletiva que chamamos de indivíduo, restando apenas blocos estruturais menores. Fora do vivo, o Futuro.

Portanto, ao realizar as operações topológicas de separar e de unir o dentro e o fora do vivo, a membrana cumpre também, e inseparavelmente, uma função *temporal*: conectar o dentro do vivo, o Passado, com o fora do vivo, o Futuro. Podemos assim imaginar que a membrana atua como um Presente, uma dimensão entre o passado e o futuro, mas aqui não se trata de um Presente Móvel, que viaja numa estrada já dada, e sim do território ou instância onde tem lugar um *nó*, um dobramento, onde o passado e o futuro se emaranham. Ao conectar o Passado e o Futuro do vivo, a membrana eventualmente permite que o Futuro, os encontros que o vivo vai ter, altere o Passado, ou seja, que substâncias assimiladas desde o meio modifiquem o DNA que carrega consigo de tal maneira que, ao se reproduzir, a cópia resultante seja diferente. Ao vincular Passado e Futuro, o “Presente Imóvel” encarnado na membrana dá lugar a uma dupla orientação, pois agora *o futuro pode agir e alterar o passado*. Portanto, dentro dos nossos próprios corpos vivos não vigora a imagem do Presente Móvel: na célula, o componente estrutural básico da Vida, encontramos as três dimensões do Tempo, mas o Presente do Vivo não se move; ele enlaça.⁷

Temos assim um desdobramento essencial de nosso problema. Se reunirmos as características que, por hipótese, definem o tempo Cronal – a saber, universalidade, unicidade, linearidade, continuidade, orientação, momento preferencial (agora), mobilidade do agora –, verificamos que diferentes domínios da Ciência abordarão seus respectivos campos de estudo empregando diversas figuras de temporalidade, nas quais esse conjunto de atributos não estará inteiramente presente (por exemplo: tempo da Biologia: sem mobilidade do agora; tempo da Termodinâmica: sem momento preferencial; tempo da Mecânica Newtoniana: sem orientação; tempo da Relatividade Especial: sem unicidade; tempo da Relatividade Geral: sem universalidade; tempo da Cosmologia Quân-

tica: sem unidimensionalidade...). Não podemos abordar aqui, em qualquer detalhe, essa plethora de temporalidades acronais; basta, para nossos propósitos, que admitamos suas ocorrências, e nos interroguemos, por conseguinte, sobre o que há de distintivo na Cronalidade ela mesma.⁸

Ora, a resposta é imediata: sendo um dispositivo cultural, isto é, um artefato elaborado historicamente, a Cronalidade é efetiva na Cultura, e pressupõe portanto *um sujeito que a instaure e a opere*. A Imagem do Presente Móvel só é eficaz por ser um diagrama subjetivo *projetado* sobre o mundo natural e ideologicamente validado para poder ser tomado como “natural” – único, universal, invariante. Todo dispositivo cultural requer condições de possibilidade para sua implantação; no caso de um diagrama subjetivo, são seus pressupostos a Linguagem, a Memória e a Imaginação. Todavia, como a diversidade de culturas humanas inequivocamente testemunha, cada grupo social modalizará seus modos de subjetivação de acordo com seus próprios ritmos e formas. Pode-se imaginar, como Jorge Luis Borges, uma língua em que o tempo flui desde o futuro, despedaçando-se no presente e remanescendo em fragmentos na memória.⁹ A elaboração de temporalidades, lineares ou não, seria assim uma capacidade pós-linguística compartilhada por todas as sociedades. Os signos não-gramaticais que os !Kung lêem no deserto ou os Yanomami na floresta, por exemplo, constituem bibliotecas tão densas quanto as de Alexandria, e remetem a modos de subjetivação francamente não-Ocidentais. Seus corações e suas vidas não estarão reguladas pela cadência uniforme dos mostradores que, modernos irremediáveis, nos hipnotizam. Essa constatação, é certo, exige que coloquemos em análise nossa própria atualidade.

Como observou com agudeza Paul Virilio¹⁰, nossa época seria marcada pela *aceleração*. Com efeito, seu traço distintivo com respeito a outros períodos históricos seria não o poder de deslocar grandes massas materiais (o que os Antigos já faziam) mas sim o de manipular instantaneamente, sem qualquer retardo apreciável, quantidades maciças de *informação*. O século XX testemunhou o surgimento e difusão de próteses de cognição – objetos técnicos dotados de larga capacidade de processamento de informação – que vieram suplementar as próteses de movimento e de sensibilidade que as eras tecnológicas anteriores haviam gerado. O suporte empírico do processo de integração desterritorializante que procuramos apreender sob o termo *globalização*, por exemplo, seria justamente o complexo mundial de redes telemáticas, operando em tempo “real”: global *porque* instantâneo. Multiplicam-se assim, em quantidade e variedade, os fluxos de objetos técnicos que atravessam o corpo das

sociedades atuais, induzindo a constituição de um inédito campo de mediação generalizada, em cujo centro está instalada a própria tecnologia.

A principal consequência desse processo de tecnificação cada vez mais abrangente é a de pôr à prova a solidez dos sistemas tradicionais de valores, obrigando-os a um regime de reajustes tão incessante quanto indeterminado. Ora, a aceleração consiste, antes de mais nada, numa operação *temporal*: a intensificação de ritmos, culturais, individuais e mesmo orgânicos, encarnada na crescente interpolação de interfaces sucessivas de integração (geratrizes de novas relações e conexões) entre a interioridade e a exterioridade dos agentes sociais – indivíduos, comunidades, massas. Ultrapassando os limites que dantes demarcavam o natural e o artificial, o objetivo e o subjetivo, a generalização da mediação técnica acarreta transformações profundas nos modos de estruturação das atividades produtivas contemporâneas; trata-se doravante do poder de agir em domínios virtuais, isto é, sobre *possibilidades*.¹¹

Por outro lado, orientando os eixos da inovação econômica, a Tecnociência regula a produção concreta de bens e artefatos através da contração dos ritmos dos sistemas de organização da produção; todo o planeta, incluindo seus biomas, se acha hoje submetido a uma gama de intervenções tecnoeconômicas que, em conjunto, correspondem a uma força de transformação de alcance global, e cujas repercussões terão muito longa duração: chamamos de *Antropoceno* esse modo, assaz inédito, de os humanos tripularmos a espaçonave Terra.¹²

Desse ponto de vista, o império da Imagem habitual do tempo – o apego ao “bom senso” cronal, refutado, como vimos, pelas Ciências contemporâneas – deixa de ser uma mera ilusão mistificadora e deve ser encarado como uma evidência de *complexidade*. Pode-se vislumbrar uma hierarquia de modos de organização naturais (e também técnicos) correspondentes a diferentes “tempos”, segundo diferentes níveis de inventividade, isto é, de geração de novas formas. Desse modo, a diversidade de noções de tempo na Ciência constituiria um índice da dificuldade grandiosa dos problemas envolvidos – e, em contrapartida, compreendemos que a ideologia cronal se vincula a um particular modo de diálogo material com o mundo, um impulsor infinitizante que, nos últimos três séculos, assumiu a coordenação dos afazeres humanos em múltiplos domínios e dimensões, e ao qual a Civilização global contemporânea parece exibir sintomas nítidos de adicção – o Capitalismo.¹³ Ao reger as atividades econômicas, o Sistema-Capital açambarcou também o controle das diretrizes práticas e simbólicas pelas quais as sociedades atuais (se) subjetivam. Se o Inconsciente se estrutura como uma linguagem, então o Capital nos diz *como* dizer. Sem

dúvida, o imperativo totalitário – totalizante e unitário – do Tempo Cronal em nosso mundo reflete o predomínio ilimitado das formas do Capital, afundando os horizontes na mesmidade da repetição, adestrando os corpos, formatando as mentes, subordinando os espíritos. O diagnóstico de Michel Serres¹⁴ descreve cruamente essa dupla compulsão: “Vivemos drogados de semelhança e de reversível. Nos precipitando na reversibilidade, nossas sociedades de trabalho e repartição das horas e dos dias tentam nos roubar a morte e nos fazer esquecer ou perder nossos muitos Tempos” (p. 67, “Espace et Temps”).

Tendo colocado, ainda que em esboço, alguns dos aspectos principais que configuram o campo problemático das Imagens do Tempo no pensamento corrente, talvez convenha assinalarmos que essa marcante incompatibilidade que a Cronalidade parece ter com relação à Vida pode de fato indicar que há potencialidades ainda submersas na vasta incompletude entre o que somos e o que podemos ser. Pois certamente o programa de pesquisa para o presente século, e quiçá ainda muitos outros, inclui pelo menos dois problemas de fundo: o de determinar a natureza desta Matéria Pensante que somos, e o de compreender as naturezas dos Tempos. Recordemos aqui que os Gregos, que tinham deuses para tudo, legaram-nos três divindades da temporalidade: *Aiôn* (a “eterna presença”, a perenidade imóvel que abarca o passado e o futuro), *Kronos* (o deus das sucessões dinásticas, que encarna a consecutividade das épocas) e *Kairós* (o deus das encruzilhadas, das bifurcações que se abrem para diferentes futuros, o deus portanto do “momento oportuno” de que se aproveita o artilheiro na área). Talvez nossa época esteja testemunhando o deslocamento do foco da pesquisa sobre a temporalidade, de *Kronos* para *Aiôn* e *Kairós* – do tempo que passa para o tempo que dura e para o tempo do encontro.¹⁵

Ou, como Jorge Luis Borges¹⁶ constata (ou sugere), a existência flui pelos múltiplos braços dos múltiplos rios do tempo. Mirando-nos nessas águas, reconhecemos que, sim, “O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou esse rio; é um tigre que me dilacera, mas eu sou esse tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou esse fogo” (p. 771).

O que mais poderíamos ser?

Time and its Vicissitudes

Abstract: A quick examination of the concepts that underlie the current conception of the world indicates that there is an Image of Time with well-defined characteristics operating globally, having as its essential nucleus the figure of the mobility of the Present. However,

for contemporary Sciences this Image is not “objective”, as it does not correspond to any fundamental attribute of natural reality. This interesting paradox allows us to understand this Image as a sophisticated cultural artifact that, usually unconsciously, we project onto events to coordinate them and give them meaning. In this article, we seek to explore some of the conceptual, ethical and political possibilities associated with other, diverse modalities of temporality, which this paradox allows us to envision.

Keywords: time; sciences; subjectivity; capitalism; mutation.

El Tiempo y sus Vicisitudes

Resumen: Un examen rápido de los conceptos que subyacen en la concepción actual del mundo indica que existe una Imagen del Tiempo con características bien definidas operando globalmente, teniendo como núcleo esencial la figura de la movilidad del Presente. Sin embargo, para las Ciencias contemporáneas esta Imagen no es “objetiva”, ya que no corresponde a ningún atributo fundamental de la realidad natural. Esta interesante paradoja nos permite entender esta Imagen como un sofisticado artefacto cultural que, normalmente de forma inconsciente, proyectamos sobre los acontecimientos para coordinarlos y dotarlos de sentido. En este artículo buscamos explorar algunas de las posibilidades conceptuales, éticas y políticas asociadas a otras diversas modalidades de temporalidad, que esta paradoja nos permite vislumbrar.

Palabras-llave: tiempo; ciencias; subjetividad; capitalismo; mutación.

Referências

1. Luiz Alberto Oliveira, *Imagens do Tempo*, in Marcio Doctors, Org., *Tempo dos Tempos* (Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2003).
2. G. J. Withrow, *O Tempo na História* (Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997).
3. Daniel Boorstin, *Os Descobridores* (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1989).
4. Luiz Alberto Oliveira, *Caos, Acaso, Tempo*, in Adauto Novaes, Org., *A Crise da Razão* (Companhia das Letras, São Paulo, 1996).
5. Lynn Margulis & Dorion Sagan, *O que é a Vida?* (Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2002).
6. Bill Bryson, *Uma Breve História de Quase Tudo* (Cia das Letras, São Paulo, 2005).
7. Gilbert Simondon, *L'Individu et sa Gènese Physico-Biologique* (Millon, Grenoble, 1995).
8. Luiz Alberto Oliveira, *O Tempo em Fluxo*, in Adauto Novaes, Org., *Mutações – O Futuro Não É Mais O Que Era* (Ed. SESC-SP, São Paulo, 2013).
9. Jorge Luis Borges, *História da Eternidade* (Cia das Letras, São Paulo, 2010).

10. Paul Virilio, *Velocidade e Política* (Estação Liberdade, São Paulo, 1996).
11. Manuel De Landa, *A Thousand Years of Nonlinear History* (Swerve Editions, New York, 2000).
12. Luiz Alberto Oliveira, *Novas Ecologias Políticas & Antropoceno*, in Lucia Santaella, Org., *Simbioses do Humano & Tecnologias* (Instituto de Estudos Avançados – USP/EdUSP, São Paulo, 2022).
13. Peter Frase, *Four Futures - Life after Capitalism* (Verso Books, London, 2016).
14. Michel Serres, *Le Passage du Nord-Ouest*, (Minuit, Paris, 1980).
15. Luiz Alberto Oliveira, *Biontes, Bióides e Borgues*, in Adauto Novaes, Org., *O Homem-Máquina* (Cia das Letras, São Paulo, 2003).
16. Jorge Luís Borges, *Nueva Refutación del Tiempo*, in *Otras Inquisiciones* (Obras Completas, Emecé, Buenos Aires, 1960).

Recebido: 03/07/2023

Aceito: 12/07/2023

Luiz Alberto Oliveira

luiz.alberto.oliveira.244@gmail.com